

# BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.  
EDITOR — Carlos de Magalhães Burguete.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A. Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE DEZEMBRO DE 1910

N.º 286

## O presepio da Sé de Lisboa



Escultura de Machado de Castro

## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

### CARTA ABERTA

Sobre assumptos que ao deante se verão

Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup>

D. Dorothea Meyrelles

Quinta de Candosa

ALTO DOURO

Ex.<sup>ma</sup> D. Dorothea e Senhora do meu maior respeito:

De posse da carta de V. Ex.<sup>a</sup>, que aqui chegou com um grande alarzo, certamente devido ás cheias que vão por esse mundo de Christo, pois de toda a parte chegam pavorosas noticias de inundações: de França, de Hespanha, d'esta pobre terra em que nascemos e que oxalá nos consuma como terra portugueza de lei.

Eu esperava fazer-lhe uma surpresa, indo passar o dia de Natal com V. Ex.<sup>a</sup>, o padre Simões, o Barradas e a Victorina. Ha dois mezes que, por assim dizer, vivia do ante-goso d'esse prazer. Mas o tempo veio transtornar tudo de principio a fim. Aqui as chuvas e humidades teem sido continuas, aggravando os meus achaques horrivelmente: o rheumatismo e a «choradeira dos olhos», como lhe chama o Barradas. Mas, mesmo que eu tivesse posses e saude para me ir deabalada por ali fora, penso que os caminhos devem estar uma peste. Deus sabe o que seria de comboio até o Pinhão; mas então do Pinhão para cima, Deus meu, nem me quero lembrar. Se é que ha diligencia, com este pavor de tempo, que deve ler posto as estradas n'um verdadeiro horror.

Não irei. Paciencia. Não assistirei, como ha 3 annos, á missa do gallo na capellinha da Candosa, ouvindo a voz do sino — a mais linda voz do sino que tenho ouvido — repercutir-se de quebrada em quebrada, lembrando ás almas simples e boas da santa gente que ali

vive o mysterio do nascimento do Menino Deus. Não estarei, de joelhos, ao seu lado esquerdo, com os olhos postos no retabulo da Virgem, ouvindo a voz abarytonada do padre Simões elevar-se, entre a luz esguia dos ciriaes para a penumbra mysteriosa da abobada, celebrando. Não verei, por entre as negras columnas de carvalho maciso da tribuna, as cabeças brancas da sua creadagem, curvadas para o chão, n'um extase de almas puras, ouvindo a palavra sagrada do ministro do Senhor dita no unico livro que não mente... Não vou, não irei... Paciencia. E talvez não vá mais, talvez nunca mais ahi torne... Paciencia, paciencia!

O dia de Natal, ahi, no solar de Candosa! O dia de Natal e o de Nossa Senhora da Conceição!... Oh meus pobres olhos que nem chorar podeis! Que recordações, que saudades, que infinita tristeza!...

Nunca me hei-de esquecer, querida amiga, da celebração d'essas duas festas, na Candosa. Nunca, por mil annos que eu viva. Que doce, santa e pura alegria! Quanta piedade, quanta caridade, quanta bondade n'esses dias inolvidaveis. A festa da Padroeira na Candosa! Só quem a viu...

Quizeram acabar com ella, sabe? Se sabe!... Mas não acabaram, D. Dorothea, não acabaram. Com uma pennada pode-se riscar uma rubrica de calendario; nada mais facil. Mas com esse simples traço não se eliminam das almas as puras crencas arreigadas. Isso...

Aqui, em Lisboa, a Immaculada foi festejada como talvez nunca o fosse. Nos templos, nos lares. A capucha? Sim, é verdade. A capucha. Estamos n'uma epoca em que é vergonha ter crencas religiosas. Tem-se medo de ser surprehendido n'uma manifestação de espirito religioso, como se tem receio, um grande receio, de que os outros saibam que a gente não pensa como elles. Covardia. E' verdade, D. Dorothea, covardia. Muita covardia, mesmo.

Ora, pois, o padre Simões não terá competidor na devastação dos lombos de porco, das grandes e gordas gallinhas afogadas em arroz, nas preciosas fatias doiradas que constituem a razão de ser da boa Victorina. V. Ex.<sup>a</sup> não terá a seu lado, á sua hospitaleira mesa, o devotado amigo de tantos annos, tocando com o seu o calice de V. Ex.<sup>a</sup> transbordando do precioso *Primordial* — pelas prosperidades da nossa querida terra. Passarão, todos, bem sem mim. Eu é que aqui ficarei triste, muito triste, ausente da vossa dedicada amizade, do carinho de todos, que a todos devo amizade e carinho como a parentes bem chegados.

## NOITE DE NATAL



Quadro de Correggio

Que lhe direi eu d'aqui que ahi não seja novidade, minha excellente amiga? O que por cá vae, vae ahi, tambem, e muito aggravado. Um temporal desfeito. De todo o Ribatejo, por essa Extremadura fora, rios e ribeiros engrossam enormemente transbordando para os campos, destruindo plantações e sementeiras, tudo devastando, tudo arrastando, alluindo os casebres dos pobres, arrastando moinhos, destruindo, levando a angustia, a miseria, o pavor a milhares de almas. Do proprio Porto, chegam más novas; a cheia, tal-

qualmente o anno passado, foi devastadora comquanto fizesse sentir este anno muito menos os seus terriveis effeitos.

Mas no Porto e aqui ha recursos. Melhor ou peor tudo se remedeia. Que diremos porém d'essas pequenas terras encravadas em montanhas onde tudo escasseia para combater tamanho flagello? Que dizer de tantos infelizes que em horas da mais cruel dôr tem visto desaparecer toda a sua riqueza, o negro pão grangeado com o trabalho derrancador da terra, de sol a sol, à intemperie? Que dizer d'esses desgraçadinhos, rodeados de filhos? Tanto lar sem uma acha, tanta arca sem um pedaço de pão... O frio, a fome as lagrimas... E a onda tremenda, horrivel, crescendo, crescendo sempre, implacavel, violentamente, devastadora, assolando tudo, tudo arrastando na sua passagem: os plantios, as habitações, o gado, a criação, tudo, tudo...

O que por ahí vae é o que por cá succede. A desventura é a mesma, mais ou menos aggravada.

Mas aqui, mercê das circumstancias, a vida continua correndo normalmente. Deve v. ex.<sup>a</sup> entender por normalmente, sem novidade de maior.

No dia 1.<sup>o</sup> de dezembro realisou-se a annunciada festa da bandeira. Não revestiu o brilho que se esperava já porque o tempo o não permittiu, já porque uma grande parte, a maioria da população lisboeta, não gosta do pendão, que é verde e encarnado. Ah! não se pode dizer que a Revolução seja esthetica! Não, não. Chamem-lhe redemptora, chamem-lhe luminosa, chamem-lhe o que quizerem. Mas senso artistico, bom gosto, isso não tem ella, D. Dorothea. Não tem.

O pendão vermelho e verde foi adoptado após mil locubrações de uma commissão que se sahio com um relatório que v. ex.<sup>a</sup> já deve ter lido nas gazetas. Por esse documento ficou a gente sabendo que o vermelho é a côr do riso (e eu a julgar que era o amarello!) e que o verde é sempre para quem d'elle gosta, o que não offerece novidade por ahí alem.

Mas o nosso Guerra Junqueiro é que não está pelos ajustes e quebra lanças por uma linda bandeira, projecto do grande poeta, das côres azul e branca. A nossa linda, a nossa amavel, a nossa adorada bandeira!

Escuso de lhe dizer que ao lado do extraordinario poeta estão todas as pessoas de bom gosto e mais aquellas em cujos corações a revolução não obliterou o culto da tradição. E é de crer, minha boa amiga, que por fim seja adoptada a bandeira azul e branca.

Como lhe disse o tempo não permittiu que a festa revestisse brilhantismo. De um céu plumbeo, sem restea de sol, a chuva cahiu constantemente, como um pranto sentido de nobre dôr que só assim desabafa. A proccissão civica que veiu da Rotunda — a historica Rotunda — até o monumento dos Restauradores, apresentava um aspecto estranho: toda a gente veiu de guarda-chuva aberto. Toda aquella gente que a meio da jornada não dispersou pelas ruas transversaes, fugindo a uma molha tremenda. Houve discursos, houve continencias, houve solemnidade official, emfim. Mas não erro dizendo-lhe que não houve grande enthusiasmo.

Emfim, bandeira já nós temos.

A epidemia das *grèves* decresce. Um regulamento da lavra do novo ministro do fomento cortou-lhes as voadeiras. Veiu a tempo, esse diploma. Isto passava das marcas em materia de *grève*. Imagine v. ex.<sup>a</sup> que se chega a falar n'uma *grève* de parteiras!...

Ahí para o norte os ferro-viarios e os gazomistas molharam a sua sopa a tempo. O Porto, segundo leio nas gazetas, viu-se e desejouse com esses dois movimentos grevistas, ambos impertantes. A cidade chegou a estar às escuras e sem communicação com as provincias do Norte. Imagine.

Como disse, porém, o novo regulamento veiu metter isto nos eixos. O governo continua reconhecendo o direito á *grève* mas em taes e taes condições. Apertou-se a tarraxa e ainda bem. D'aquí por deante quem quizer reivindicar ha de saber como reivindicar ou então saberá quanto lhe custa não reivindicar em termos.

Permitta Deus que por tão sabia medida possa a gente reivindicar o socego, a tranquillidade, que tão necessarios estão sendo, ao governo, para trabalhar desassombrada e livremente, ao paiz, para se repôr do tremendo abalo da revolução que tão graves consequencias trouxe ao commercio, à industria e à propria fortuna particular.

Não sei se sabe, D. Dorothea, que a China vae reconhecer a joven Republica. Pois é como lhe digo. Não tarda ahí um homem de rabicho a apresentar os seus cumprimentos ao sr. dr. Bernardino Machado. A China está com pressa de decidir aquillo de Macau. E nós tambem. Ou sim ou arroz — visto que os chinezes não usam sopas.

Ha dias realisou-se a entrega de credenciaes do representante da Republica Argentina, D. Garcia Sagastume. A cerimonia realisou-se no palacio de Belem, com o mesmo ceremonial da entrega de credenciaes do representante do Brasil. D'esta vez, porém, não foi o sr. dr. Theophilo Braga, chefe do governo provisorio, quem recebeu o diplomata. Não sei porque foi o illustre ministro dos estrangeiros quem se encarregou d'essa alta missão.

E por hoje nada mais, querida amiga. Muita saúde, muita paz na sua alma lhe desejo. Recados a todos e não esqueçam o

Velho amigo muito dedicado

CAMARA LIMA.

## Nossa Senhora da Conceição



Esculptura em madeira, de J. Fernandes Caldas

## A bandeira nacional

Quando no dia 5 de Outubro, logo a seguir á proclamação da republica, a bandeira verde e encarnada começou a apparecer hasteada nos edificios do Estado, houve muita gente, mesmo muita, que sentiu uma forte impressão de tristeza, como quando nos morre um ente querido e, olhando em volta de nós, só vemos a solidão que sempre produz a falta d'um affecto que julgamos insubstituivel.

Saudades da monarchia constitucional que acabava de morrer depois d'uma vida curta, agitada e ingloria?! Não, porque essa impressão foi sentida por muitos que, não fazendo da politica occupação e collocando acima de tudo os interesses da patria, acatarem o novo regimen, fundando n'elle as suas esperanças d'um melhor futuro para o paiz. Succedia, porém, que, coincidindo com a queda da monarchia, desaparecia tambem uma cousa sagrada — a bandeira azul e branca e o escudo das quinas — bandeira que ainda dias antes todos reverenciavam quando algum regimento atravessava as ruas da capital. Succedia, que em seu lugar, se hasteava uma outra bandeira, para muitos desconhecida, cujas duas côres, que ao longe parecem uma só côr indefinida, tinham um aspecto estranho, muito embora a todo o momento e como consolação o raciocinio nos dissesse que os vencedores eram irmãos nossos, não obstante professarem um credo politico que não era o de todos os portuguezes, que a insignia verde e vermelha era apenas um signal provisorio de posse, sendo de esperar que, muito em breve, a republica havia de identificar-se com o sentimento nacional, não impondo a sua bandeira mas sim adoptando a da nação, aquella que era de todos, aquella que estava consagrada pelo uso e pela tradição.

Foi passando tempo e a saudade, cada vez mais viva, começou a

manifestar-se por muitas formas diversas, por meio de muitas cartas enviadas aos jornaes e em varios projectos expostos nas montras dos estabelecimentos, todos ou quasi todos defendendo a conservação das côres azul e branca, bastando este simples facto para se conhecer que a bandeira nacional, excluída a corôa, era alheia às luctas politicas e que muita gente via nas côres verde e encarnada apenas um distinctivo partidario.

Desde então o assumpto tem sido largamente discutido, figurando entre os partidarios do azul e branco muitos dos homens mais cotados do paiz pela sua intelligencia, pelo seu saber e alguns até pela sua fidelidade aos principios republicanos. Pode dizer-se mesmo que, excluída uma pequena maioria, a parte intellectual da nação manifesta-se, sem distincção de partidos, a favor da conservação da antiga bandeira, destacando-se na frente d'esta cruzada, que se nos affigura altamente patriótica, a personalidade de Guerra Junqueiro.

No entanto, por um lado, ainda nem tudo está dito e por outro não é demais tudo quanto se diga porque o assumpto é d'aquelles que reclamam a maior attenção. Vamos, pois, tambem expôr o nosso modo de ver e fazendo-o bom é frisar desde já que não é nosso intento melindrar os partidarios da bandeira verde e encarnada, ban-

seu povo. Adoptando-as, o constitucionalismo não produziu uma novidade, não fez uma invenção, fez mas foi uma reconstituição historica.

O mesmo se não pode dizer da bandeira encarnada e verde, especialmente em relação á ultima das duas côres.

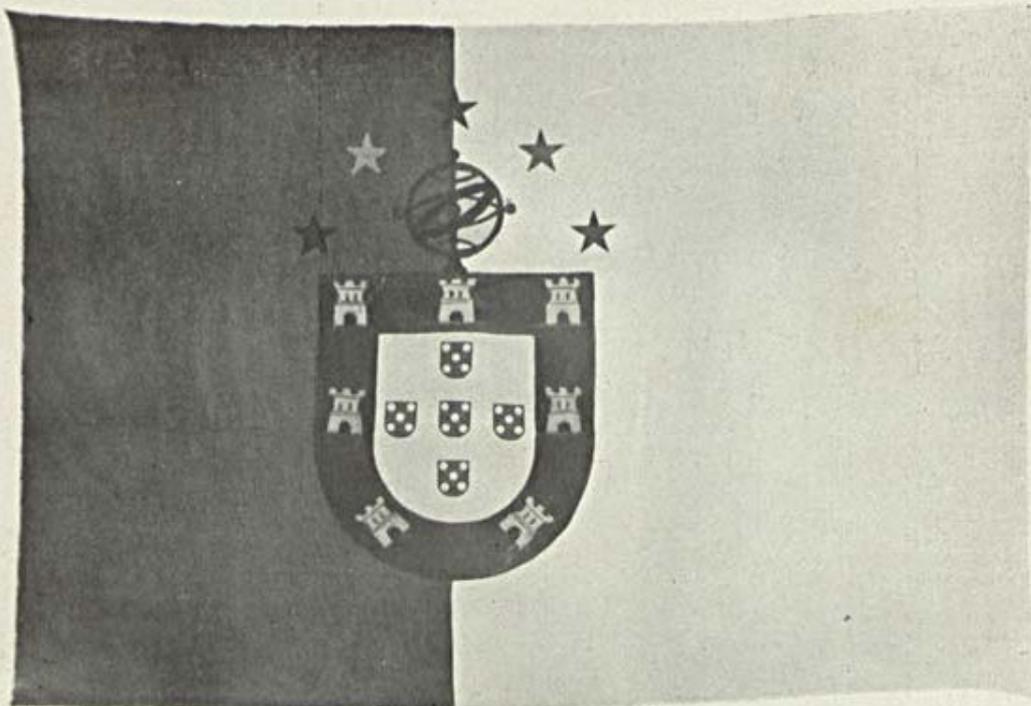
Sobre o assumpto diz-nos o sr. Theophilo Braga:

«Para justificar as côres republicanas temos a *côr vermelha* da conquista do Algarve, em que se integrou o territorio portuguez, e a *côr verde* do pendão vencedor em Aljubarrota, que reivindicou a autonomia de Portugal.»

Isto é uma justificação que só a boa vontade e o talento do sr. Theophilo Braga poderiam produzir. Estamos certos de que o illustre presidente do governo provisório seria tambem capaz de justificar o amarello, o preto, o azul e todas as côres conhecidas.

Não se trata, porém, de justificar uma bandeira qualquer com quaesquer côres. Trata-se mas é do seguinte: — é que a bandeira da patria deve ser aquella que já esteja justificada e consagrada por muitos e muitos seculos. Trata-se de não desprezar o que os nossos antepassados nos legaram, o que tantos actos de heroismo lhes inspirou, a bandeira que atravessando todos os mares e todos os conti-

## A bandeira portugueza



(Cliché de A. C. Lima).

Projecto de Guerra Junqueiro

deira que aliás respeitamos, como não podia deixar de ser, visto que n'ella figura o escudo de Portugal.

O assumpto tem sido e pode ser encarado sob dois aspectos:

a) as côres da bandeira;

b) os seus symbolos ou ornamentos.

Acerca das côres mantivemos durante muito tempo a opinião de que ellas deviam ser reduzidas a uma só, a branca, por ser a bandeira branca aquella que maiores glorias conquistou para o nosso paiz, aquella que tinhamos como tradicional, considerando portanto a azul e branca como insignia do constitucionalismo e por isso insignia partidaria.

Ultimamente, porém, comquanto a bandeira branca nos mereça as maiores sympathias, a nossa opinião modificou-se um pouco, concorrendo para esse resultado os motivos que vamos expôr e tambem o facto de serem só dois os campos em que actualmente está dividida a opinião publica — azul e branco e verde e encarnada.

E' certo que o uso da bandeira azul e branca data da implantação do regimen constitucional, mas certo é tambem que com ella nascemos, que o azul entra desde os tempos mais antigos, pelo menos como *enseite*, em todas as nossas bandeiras; que o escudo de D. Alfonso Henriques era branco como uma cruz azul e que, segundo nos ensinou João Bonança, n'aquelle seu admiravel artigo que aqui transcrevemos, as duas côres eram estimadissimas pelos nossos antepassados — os lizitanos — tão estimadas, que o nosso primeiro rei se julgou no dever de as adoptar. São pois côres verdadeiramente nacionaes e democraticas. Não nos foram impostas por nenhum rei nem por qualquer presidente da republica, pelo contrario, foram adoptadas pelo fundador da monarchia, certamente para agradar ao

nentes foi deixando atraz de si respeitado e temido o nome de Portugal.

A bandeira verde appareceu em Aljubarrota?!

Mas que importancia tem isso para o caso?

Se o feudalismo tivesse creado entre nós grandes raizes é possível e provavel que em vez d'uma bandeira verde lá apparecessem bandeiras de todas as côres, mas simples insignias particulares como era a da Ala dos Namorados.

Porque não passou logo a côr verde para o estandarte da nação? Naturalmente porque houve o bom senso de não abater a bandeira da patria, triumphante em tantas batalhas, perante o estandarte d'um grupo de homens, embora valentes, triumphante n'uma só.

Como é então que se pretende ir agora buscar essa côr para a introduzir na bandeira do paiz?

De resto, entre duas côres gloriosas, manda o bom senso escolher aquella que maior somma de glorias traduz. Portanto, qual vale mais — o verde de Aljubarrota ou o branco de todas as nossas descobertas maritimas?

Accresce ainda que, provavelmente, as pessoas que primeiro se lembraram de crear a bandeira verde e encarnada para distinguir o partido republicano, só se lembraram de que o verde é esperanza e o encarnado guerra. Sendo assim, não tendo essas pessoas em vista fazer uma reconstituição historica, para que se quer agora arranjar um fundamento historico?

Por seu lado e á falta de melhor argumento a commissão encarregada de estudar a bandeira nacional diz no seu relatorio que a côr verde é, segundo Augusto Comte, a que «mais convem aos homens do porvir».

Achamos mau ir buscar opiniões estrangeiras para justificar uma bandeira nacional. E' pouco para tão grande assumpto, parecendo-nos alem d'isso que Augusto Comte não tem razão.

Os homens do porvir serão de certo ainda mais civilizados do que os do presente e tudo indica que quanto maior é a civilização menor é a predilecção pelas cores garridas. O facto pode já verificar-se hoje comparando o vestuário das camponesas com o das senhoras das cidades. Ver-se-ha que, enquanto as primeiras adoram o en-



O pessoal que trabalhou na bandeira de Guerra Junqueiro

carnado bem vivo, o azul, o verde, etc., as segundas gostam de cores menos fortes, mais esbatidas.

Também ultimamente, acerca das cores da bandeira, lemos um artigo do sr. Nobre França, o qual, defendendo a bandeira verde e encarnada, diz referindo-se ao branco:

«Primitivamente todas as bandeiras seriam brancas... visto que antes do descobrimento das tinturarias industriaes não seriam conhecidos processos para extrahir dos vegetaes e mineraes quantida-

des sufficientes de materias corantes para tingirem muito panno branco».

E' um aspecto novo para a questão. E' possível que assim tenha acontecido, mas n'esse caso occorre tambem perguntar:

Porque é que, depois de descobertos os processos de tinturaria, houve nações que conservaram o branco nas suas bandeiras e outras que o puzeram de parte?

Porque é que em Portugal durante tantos seculos se conservou branco todo o fundo da bandeira?

Não demonstrará isto uma predilecção especial da nossa raça? Não será bastante para dar a essa cor uma significação historica, nacional?

O outro aspecto da questão são os symbolos da bandeira.

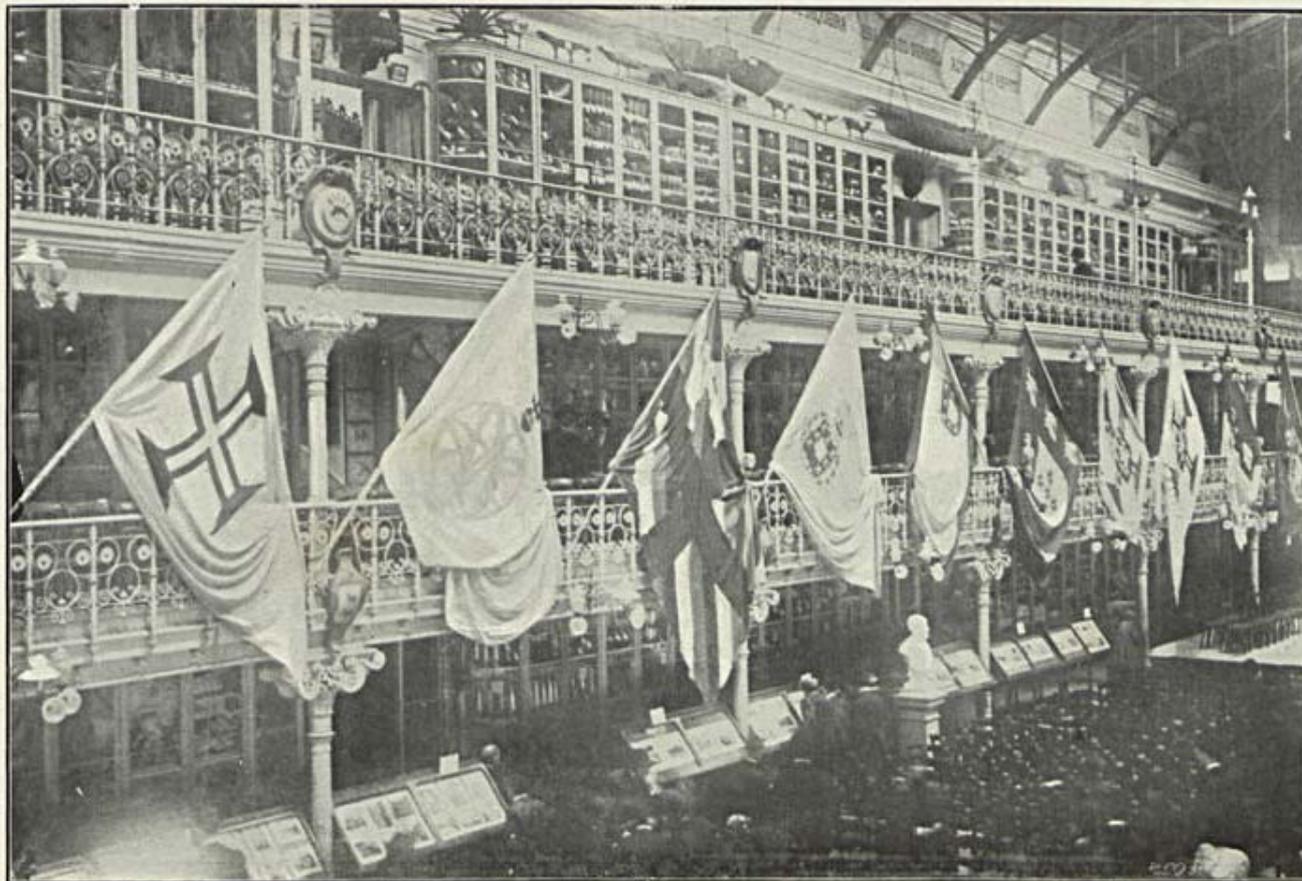
A este respeito devemos dizer que tudo nos serve desde que o escudo da nação não seja posto de parte. Achamos mais bonito o pensamento de Guerra Junqueiro mas não estamos descontentes com o da commissão. Embora verde e encarnada a bandeira inaugurada no dia 1 do corrente sempre é a bandeira das quinás. Devemos até dizer que a preferimos a qualquer bandeira azul e branca em que não entrem as armas da nação. Vem isto a proposito de uns artigos do sr. Alexandre Fontes, publicados no *Imparcial*, nos quaes se defende calorosamente a bandeira azul e branca mas sem qualquer symbolo ou então com uma simples esphera armilar.

Não estamos d'accordo e achamos que o melhor é votar pura e simplesmente a favor da bandeira de Guerra Junqueiro, não produzindo mais complicações.

O escudo da nação não é coisa que se deite fóra. São as armas de Portugal e não, como se pretende, o symbolo da realza. O escudo e os castellos são emblemas guerreiros e não monarchicos. Houve de certo escudos antes de haver reis e os castellos tambem tanto serviam para defender monarchias como republicas. Portugal, nação guerreira desde a mais remota antiguidade, não pode pôr de parte o escudo glorioso que lhe serviu em tantos combates.

Quanto ás quinás, que o mesmo sr. rejeita por serem emblema religioso e não quer por isso offender as crencas de quaesquer portuguezes que não professem a religião christã, diremos que o melhor é não lembrar uma questão religiosa onde ella não existe. Os portuguezes na sua quasi totalidade ou são christãos e n'esse caso adoram a cruz, ou são atheus e então tambem se não sentem offendidos nem com esse nem com qualquer outro symbolo religioso, sendo até de prever que preferam a cruz porque, naturalmente, não negam que com o christianismo deu o mundo um grande passo no caminho da civilização.

## Exposição de bandeiras historicas na Sociedade de Geographia



(Clicão de A. C. Lima).

Um aspecto da sala

Que outras religiões se professam entre nós? Temos mahometanos, adeptos de Confucio, crentes da religião hebraica? Apenas os últimos e em pequena quantidade, não nos constando que alguma vez vissem com maus olhos a bandeira portugueza. Pelo contrario, sabemos que, quando no tempo de D. Manuel I d'aqui foram expulsos, abandonaram com tristeza a patria onde fluctuava a bandeira das quinas.

De resto quem nos diz que elles dão ás quinas uma significação religiosa? Talvez pensem como o sr. Theophilo Braga:

«Por isso na bandeira branca de D. Alfonso Henriques a cruz azul transformou-se na representação dos cinco *maravedis*, symbolo audaz da independencia contra o imperialismo de Castella.»

Quanto ao mais estamos plenamente d'accordo. Conserve-se a bandeira verde e encarnada como pavilhão da republica e seja a bandeira azul e branca a bandeira da patria.

J. Nunes de Freitas.

## O BEIJO

I

Quando uma parte do exercito francez se apoderou, no principio d'este seculo, da historica Toledo, os seus chefes, que não ignoravam o perigo a que se expunham nas povoações hespanholas, disseminando-se por alojamentos separados, principiaram por arranjar para quartéis os maiores e os melhores edificios da cidade.

Depois de se occupar o sumptuoso alcaçar de Carlos V, deitou-

se a mão á casa da camara, e, quando esta não poude conter mais gente, começaram a invadir o asylo das comunidades religiosas, acabando afinal por transformar em quartéis até as igrejas consagradas ao culto. N'esta conformidade se encontravam as cousas na povoação em que se passou o successo que vou referir, quando uma noite, já a horas bastante adiantadas, envoltos nos seus escuros capotes de campanha e ensurdecendo as estreitas e solitarias ruas que vão da Porta do Sol a Zocodover, com o tinnir das armas e o ruídoso bater das ferraduras dos seus corceis, que arrancavam faiscas ás pedras, entravam na cidade uns cem dragões, d'aquelles altos, arrogantes e robustos, de que ainda nos falam com admiração as nossas avós.

Commandava a força um official bastante novo, que ia a uns trinta passos da sua gente, falando a meia voz com outro homem, tambem militar, como se podia ver pelo seu uniforme. Este, que caminhava a pé adiante do seu interlocutor, levando na mão uma lanterna, parecia servir-lhe de guia por entre aquelle labyrintho de ruas escuras e emmaranhadas.

— Na verdade, dizia o official de dragões, se o alojamento que se nos prepara é como o pintas, quasi que melhor seria acamparmos no meio de uma praça.

— Que quer, meu capitão? respondeu o guia, que era effectivamente um furriel, — no alcaçar não cabe já um alfinete quanto mais um homem; em S. João dos Reis não falemos, porque ha cella de frades em que dormem quinze hussards. O convento aonde o levo não era mau, mas ha cousa de tres ou quatro dias que nos cahiu ali das nuvens uma das columnas volantes que percorrem a provincia, e o que pudemos conseguir foi que se amontoassem nos claustros deixando livre a igreja.

— Emfim, exclamou o official depois de curto silencio, e como que resignando-se ao extranho alojamento que o acaso lhe deparava, antes isso que nada. Se chover, estamos a coberto.

Interrompida a conversação n'este ponto, os dragões precedidos

## No dia 1.º de dezembro

### A FESTA DA BANDEIRA



(Clichs de J. Benoitel). No largo do Município  
A guarda de honra conduzindo a bandeira da Republica



Na Avenida da Liberdade  
A nova bandeira tremulando no Monumento dos Restauradores



A festa da bandeira. — O cortejo de homenagem à nova bandeira, descendo a Avenida da Liberdade — O Collegio Militar

pelo guia seguiram para diante, até chegarem a uma praça, em cujo fundo se destacava o negro perfil do convento com a sua torre mourisca, a sua cupula ogival e os seus telhados de cristas desiguales e escuras.

— Aqui está o seu alojamento, disse o farriel ao vel-o e dirigindo-se ao capitão, que, depois de mandar fazer alto à tropa, se apeou, tirou a lanterna das mãos do guia e dirigiu-se para o ponto que este lhe indicava.

Como a igreja do convento estava completamente desmantelada, os soldados, que occupavam o resto do edificio, tinham entendido que as portas lhe eram inúteis e hoje uma taboa, amanhã outra, tinham-nas ido arrancando pedaço a pedaço para fazerem fogueiras com que se aquecessem à noite.

O nosso joven official não teve pois, nem de dar volta às chaves, nem de correr ferrolhos para penetrar no interior do templo.

A' luz da lanterna, cuja duvidosa claridade se perdia nas espessas sombras das naves e debuxava com gigantescas proporções na parede a phantastica sombra do furriel que o ia precedendo, percorreu a igreja de cima até abaixo e esquadrinhou a uma e uma as suas desertas capellas, até que, escolhido o local, mandou appear a sua gente e lá a foi accommodando como poude, indo de embruhada os homens e os cavallos.

Segundo deixamos dito, a igreja estava completamente desmantelada; no altar-mór pendiam ainda das altas cornijas os rotos pedaços do véu com que o tinham encoberto os religiosos ao abandonar aquelle recinto; disseminados pelas naves viam-se alguns retabulos encostados às paredes, mas já sem as imagens; no côro debuxavam-se com uma fimbria de luz os extranhos perfis das escuras cadeiras de pau santo; no pavimento, arrombado em varios sitios, distinguíam-se ainda grandes lousas sepulcraes cheias de timbres,



(Cliché de J. Benoit). A festa da bandeira. — O cortejo de homenagem à nova bandeira — A academia

## No dia 1.º de Dezembro

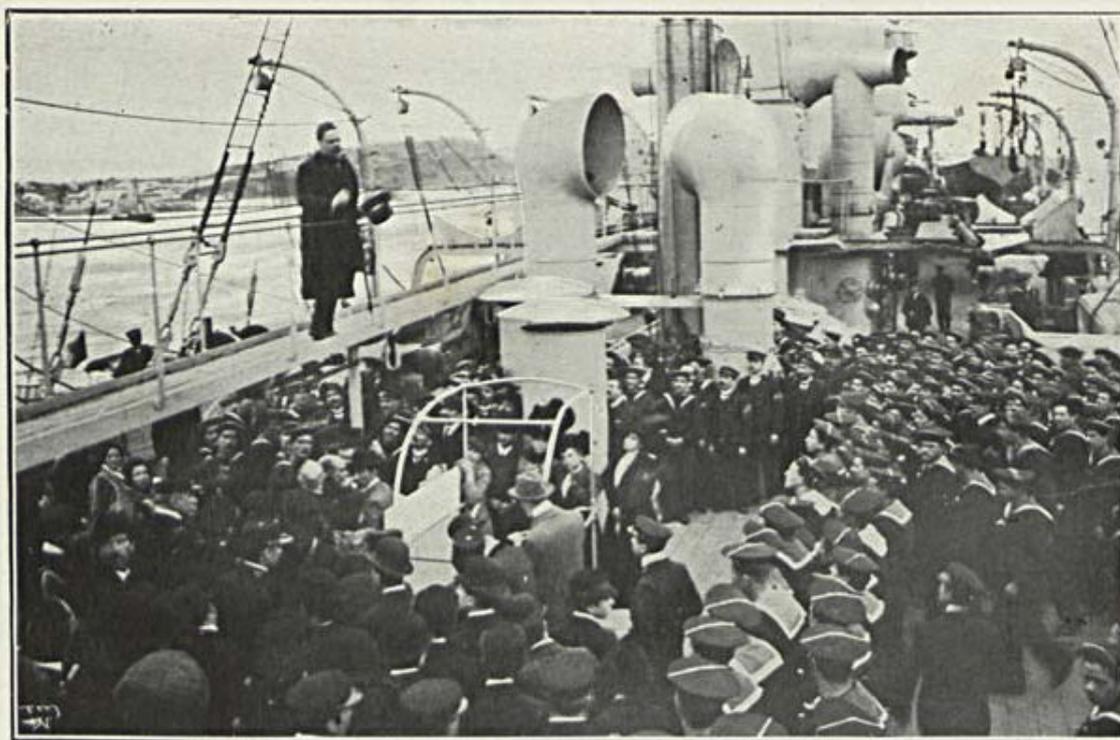
A bordo do "D. Carlos". — Inauguração da placa dando ao cruzador o nome de "Almirante Reis"



Dois officiaes revolucionarios — Machado dos Santos  
(Cliché de A. C. Lima) e Ladislau Parreira



A bordo do "D. Carlos" — Inauguração da placa dando ao cruzador o nome de "Almirante Reis". — O descerrar da placa  
(Cliché de J. Benoitte).



A bordo do "D. Carlos" — Inauguração da placa dando ao cruzador o nome de "Almirante Reis".  
(Cliché de A. C. Lima). O ministro do interior, dr. Antonio José de Almeida, falando à marinhagem

## Republica portugueza

### A entrega de credenciaes do ministro da Argentina



O sr. D. Baldomero Garcia de Sagastume  
(Cliché de J. Benoit), sahindo do palacio de Belem

escudos e grandes inscrições gothicas; e ao longe, ao fundo das silenciosas capellas, e ao longo do cruzeiro, destacavam-se confusamente entre a escuridão, semelhantes a brancos e immoveis phantas-

mas, as estatuas de pedra, que, umas deitadas, outras de joelhos sobre o marmore dos seus tumulos, pareciam ser os unicos habitantes do arruinado edificio.

A qualquer outro menos fatigado do que o official dos dragões, que tinha no corpo uma jornada de 14 leguas, ou menos costumado a considerar estes sacrilegios como a cousa mais natural d'este mundo, bastavam dois dedos de imaginação para não poder pregar olho em toda a noite n'aquelle escuro e imponente recinto, onde as blasphemias dos soldados que se queixavam em alta voz do improvisado quartel, o metallico tinir das esporas que resoavam sobre as lousas sepulcraes do pavimento, o ruido dos cavallos, que escarvavam o chão impacientes, fazendo tilintar as correntes com que estavam presos aos pilares, formavam um rumor estranho e temeroso, que se dilatava por todo o ambito da igreja e se reproduzia cada vez mais confuso, repetido de echo em echo nas suas altas abobadas.

Mas o nosso heroe, ainda que novo, estava já tão familiarisado com estas peripecias da vida de campanha, que, apenas accommodou a sua gente, mandou pôr um sacco de palha ao pé do degrau da capella-mór, e, embrulhando-se o melhor que poude no seu capote, e deitando a cabeça no degrau, resonava d'ahi a cinco minutos com mais tranquillidade do que o proprio rei José no seu palacio de Madrid.

Os soldados fazendo travesseiros dos sellins, imitaram o seu exemplo, e a pouco se foi apagando o murmuro das suas vozes.

D'ahi a meia hora só se ouviam os afogados gemidos do vento que entrava pelas partidas vidraças das ogivas do templo, o estonteado esvoaçar das aves nocturnas, que tinham os seus ninhos no docel de pedra das esculpturas dos muros e o cadenciado rumor dos passos da sentinella, que passeava envolta nas amplas dobras do seu capote ao longo do portal.

## II

Na época em que se passa esta historia tão veridica como extraordinaria, para os que não sabiam apreciar as bellezas de arte que os seus muros encerram, a cidade de Toledo não era mais do que um povareo desmanchado, antigo, arruinado e insupportavel.

Os officiaes do exercito francez, que, a julgar pelos actos de vandalismo com que n'ella deixaram triste e perduravel memoria da sua occupação, tudo seriam menos archeologos e artistas, é claro que se enfasiavam soberanamente na vetusta cidade dos Cesares.

N'esta situação de animo, a mais insignificante novidade que viesse interromper a monotonia quietação d'aquelles dias eternos e eguaes, era acolhida com avides pelos ociosos; assim, a promoção de alguns dos seus camaradas, a noticia do movimento estrategico de uma columna volante, a sahida de um correio de gabinete ou a chegada de uma força qualquer, tornavam-se thema fecundo de conversação e objecto de toda a especie de comentarios, até que outro incidente o vinha substituir, servindo de base a novas queixas, criticas e supposições.

Como era de esperar, entre os officiaes, que, segundo o costume foram no dia seguinte tomar sol e tagarellar um pedaço no Zocodover, não se falou n'outra cousa senão na chegada dos dragões, cujo chefe deixámos no capitulo antecedente dormindo a somno solto e descansando das fadigas da sua viagem. Havia uma hora que a conversação girava sobre este assumpto e já se começava a interpretar de diversos modos a ausencia do recémchegado, a quem um dos presentes, seu companheiro de collegio, dêra para ponto de reunião o Zocodover, quando enfim appareceu na praça o nosso bello capitão com o seu capacete de metal de plumas brancas, farda azul de voltas vermelhas e magnifica espada de bainha de aço, que tilintava arrastando-se, á cadencia dos seus passos marciaes, e do tinir secco e agudo das suas esporas de ouro.

Apenas o seu camarada o viu, foi ao seu encontro e com elle todos os que alli estavam, e aos quaes tinham dado curiosidade e von-



A entrega de credenciaes do ministro da Argentina. — A escolta de lanceiros que acompanhou o sr. ministro  
(Cliché de A. C. Lima).

tade de o conhecer os pormenores que já tinham ouvido referir do seu caracter original e extranho.

Depois dos apertados abraços do costume, das exclamações e perguntas de rigor n'estas entrevistas; depois de falarem largamente das novidades de Madrid, da varia fortuna da guerra, dos amigos mortos ou ausentes, passando de um para outro assumpto, a con-

ledo puzeram na sua cathedral com o louvavel proposito de não deixar dormir quem precisa de descanso.

... Arrenegando do sino mais do sineiro, dispunha-me, apenas expirou aquelle insolito e temeroso rumor, a pegar de novo no somno, quando me feriu a imaginação e se offereceu aos meus olhos uma cousa extraordinaria.



A entrega de credenciaes do ministro da Argentina. — O diplomata argentino retirando para o palacio da legação

versação veiu a parar no thema obrigado — fadigas do serviço, falta de distracções da cidade e incommodo dos alojamentos.

— E a proposito de alojamentos, disse um dos officiaes, como passou esta noite na sua egreja?

— Houve de tudo, porque, se é verdade que pouco dormi, mereceu a pena estar acordado. A insomnia junto de uma mulher bonita não é seguramente o peor dos males.

— Uma mulher! retorquiu o seu interlocutor espantado, isso é que se chama chegar e beijar o santo.

— Algum antigo amor da côrte que o seguiu a Toledo para lhe tornar mais supportavel o ostracismo, acrescentou outro do grupo.

— Oh! nem por sombras! juro á fé de quem sou que não a conhecia, e que nunca imaginei achar tão gentil patrão em tão incommodo alojamento. E' o que se pode chamar uma verdadeira aventura.

— Conte-a, conte-a, exclamaram em côro os officiaes.

— Dormia esta noite como pedra em poço, principiou o capitão sem se fazer rogado, quando no melhor do meu somno me fez despertar em sobresalto e levantar-me sobre o cotovello um estrondo horrivel, um estrondo tal, que por um instante me ensurdeceu para me deixar depois os ouvidos a zunir um minuto, como se estivesse um moscardo a cantar-me dentro da orelha.

Como podem imaginar, a causa do meu susto era a primeira badalada que ouvia d'esse maldito sino grande, que os conegos de To-

A' duvidosa luz da lua que entrava no templo pela alta janella da capella-mór, vi uma mulher ajoelhada ao pé do altar...

Os officiaes olharam-se com uma expressão entre assombrada e incredula; o capitão, sem attender ao effeito que produzia, continuou d'este modo:

— Não podem imaginar nada semelhante áquella nocturna e phantastica visão que se desenhava confusamente na penumbra da capella, como essas virgens pintadas que alguma vez terão visto destacar-se ao longe no fundo escuro das cathedraes.

... O seu rosto oval onde se via impresso o sello de uma leve e asctica maceração, as suas feições harmoniosas cheias de suave e melancolica doçura, a sua intensa pallidez, as purissimas linhas do seu bello contorno, o seu porte sereno e nobre, o seu traje branco e fluctuante traziam-me á memoria essas mulheres que eu sonhava quando era quasi uma creança. Castas e celestes imagens, chimerico objecto do vago amor da adolescencia!

... Julgava-me ludibrio de uma allucinação e, sem tirar d'ella os olhos, nem ousava respirar, temendo que um sopro desvanecesse o encanto.

.. Ella permanecia immovel.  
... Scismava, ao vê-la tão diaphana e luminosa, que não podia ser uma creatura terreal, mas sim um espirito que, revestindo por um instante a fórma humana, descera n'um raio da lua, deixando no



A entrega de credenciaes do ministro da Argentina. — A guarda de honra ao palacio de Belem, retirando  
(Cliché de A. C. Lima).

ar apoz si essa azulada esteira que vinha da alta janella cabir verticalmente no fundo do muro fronteiro, rasgando a negra sombra d'aquelle recinto lobrego e mysterioso.

— Mas, exclamou o seu camarada de collegio, como estava alli essa mulher? Não lhe disseste nada? Não te explicou a sua presença?

— Não me resolvi a falar-lhe porque tinha a certeza de que me não respondia, nem me via, nem me ouvia!

— Era surda?

— Era cega?

— Era muda?

— Era tudo isso ao mesmo tempo, exclamou emfim o capitão depois de um instante de pausa, porque era... de marmore!

Ao ouvirem o estupendo desenlace de tão extranha aventura, desataram todos uma gargalhada enquanto um d'elles dizia ao narrador da peregrina historia, que era o unico que permanecia calado e em grave attitude:

— Mulheres d'esse genero tenho eu mais de um millhar, um verdadeiro serralho em S. João dos Reis, serralho que desde já ponho á sua disposição já que, segundo parece, tanto se lhe dá que uma mulher seja de marmore como de carne.

— Oh não! disse o capitão sem se alterar com as gargalhadas dos seus companheiros, estou certo que não podem ser como a minha. A minha é uma verdadeira dama castelhana, que por um milagre de esculptura parece que não foi enterrada no seu sepulcro, mas que ainda permanece em corpo e alma de joelhos sobre a lousa que o cobre, submersa n'um extasi de mystico amor.

— De tal modo te explicas que acabarás por nos provar a verosimilhança da fabula de Galathea.

— Pela minha parte posso dizer-lhe que sempre a julguei uma loucura, mas que principio a comprehender a paixão do escultor grego.

— Dadas as espezias condições da tua nova dama, creio que não terás duvida em nos apresentares? Estou morto por ver essa maravilha. Mas que diacho é isso? parece que não estás muito resolvido, querem ver que tens ciúmes!

— Ciúmes... dos homens não... mas vejam onde chega a minha extravagancia. Junto da imagem d'essa mulher, tambem de marmore, grave e parecendo vivo como ella, ha um guerreiro... seu ma-

rido sem duvida... Pois bem! vou dizer-lhes tudo, ainda que zombem de mim. Se não receasse que me chamassem louco, parece-me que o teria despedaçado mil vezes.

Nova e mais ruidosa gargalhada saudou esta original revelação do estrambotico namorado da dama de pedra.

— Nada, nada, é preciso vel-a, diziam uns.

— E' preciso saber se o objecto corresponde a tão alta paixão, acudiam outros.

— Quando podemos ir beber um copo de vinho á igreja onde está alojado? exclamaram os restantes.

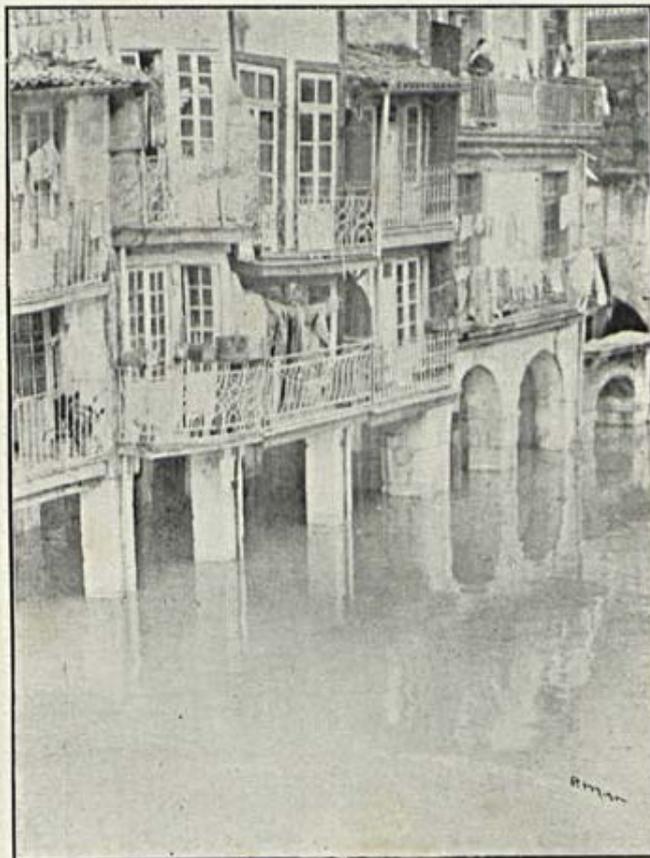
— Esta noite se quizerem, respondeu sorrindo o joven capitão. Trouxe nas bagagens umas duas duzias de garrafas de Champagne,

## Os ultimos temporaes

As inundações no Porto



Os habitantes de Miragaya abandonando as suas casas  
(Clichés de Carlos Pereira Cardoso — Foz do Douro).



As inundações no Porto. — Aspecto do bairro de Miragaya

resto de um presente dado ao nosso general de brigada que ainda é, como sabem, meu parente.

— Bravo! bravo! exclamaram os officiaes.

— Bebe se vinho da patria!

— E canta-se uma canção de Ronsard!

— E fala-se de mulheres a proposito da dama do amphitryão!

— Até á noite.

— Até á noite.

### III

Havia muito que os pacificos habitantes de Toledo tinham fechado e trancado as pesadas portas dos seus antigos casarões; já no alto do alcaçar convertido em quartel se ouvia o ultimo toque de silencio dos clarins, quando dez ou doze officiaes que a pouco e pouco se tinham ido reunindo no Zocodover, se encaminhavam para o convento onde se alojava o capitão, animados mais pela esperanza de esgotar as prometidas garrafas do que pelo desejo de conhecer a maravilhosa esculptura.

Cerrara-se a noite sombria e ameaçadora: o céu estava forrado de nuvens cór de chumbo; o vento, que zumbia encarcerado nas estreitas e tortuosas ruas, agitava a moribunda luz da lampada dos retabulos, ou fazia girar com um ranger agudo as grimpas de ferro dos campanarios.

Apenas os officiaes entraram na praça, veiu ao seu encontro o capitão que os aguardava impaciente, e, depois de trocarem algumas palavras a meia voz, entraram juntos na igreja, em cujo lobrego recinto a escassa claridade de uma lanterna luctava trabalhosamente com as negras e densissimas sombras.

— Por minha fé, exclamava um dos convidados, passeando em derredor a vista, o sitio é dos menos propicios para uma festa!

— Effectivamente querem mostrar-nos uma dama, e só com difficuldade vemos os dedos das nossas mãos!

— E sobretudo faz um frio que parece que estamos na Siberia!

— Socuguem, meus senhores, interrompeu o amphitryão, que tudo se remedeia. Eh! lá! rapaz! proseguiu dirigindo-se a um dos



As inundações no Porto. — Povo observando a cheia no Caes da Ribeira

seus soldados, procura para ali uma pouca de lenha, e accende-nos uma boa fogueira na capella-mór.

O soldado, obedecendo ás ordens do seu capitão, começou a descarregar machadadas nas cadeiras do côro, e, depois de ter reunido uma grande quantidade de lenha que foi empilhando ao pé dos degraus da capella, agarrou na lanterna e dispoz-se a fazer um auto de fé com aquelles fragmentos recortados em riquissimos labores, entre os quaes se via, aqui parte de um columnello salomónico, além a imagem de um santo abbade, o busto de uma mulher, ou a disforme cabeça de um gripho assomando entre folhagens.

D'ahi a minutos uma grande claridade, que de subito se derramou por todo o ambito da egreja, annunciou aos officiaes que chegara a hora de principiar o festim.

O capitão, que fazia as honras do seu alojamento com todo o ceremonial, disse para os convidados:

— Se querem, passemos ao bufete.

Os seus camaradas, affectando a maior gravidade, responderam ao convite com um cumprimento comico, e encaminharam-se para a capella-mór, precedidos pelo heroe da festa, que ao chegar aos degraus se deteve por um instante, e, extendendo a mão para o sitio em que estava o tumulto, lhes disse com a mais primorosa delicadeza:

— Tenho a honra de os apresentar á dama dos meus pensamen-

tos. Creio que não de concordar em que lhes não exaggerei a belleza.

Os officiaes voltaram os olhos para o sitio que o seu amigo lhes indicava, e uma exclamação de assombro irrompeu involuntariamente de todos os labios.

No fundo de um arco sepulcral revestido de marmores negros, ajoelhada deante de um genuflexorio, com as mãos postas e o rosto voltado para o altar, viram effectivamente a imagem de uma mulher tão bella, que nunca sahira outra igual das mãos de um escultor, nem o desejo a poude pintar, na phantasia, mais soberanamente formosa.

— E' na verdade um anjo! exclamou um d'ells.

— Que pena que seja de marmore! disse outro.

— E' certo que só a illusão de se achar uma pessoa perto de uma mulher d'este calibre é bastante para se não pregar olho em toda a noite.

— E não sabe quem ella é? perguntaram alguns dos que contemplavam a estatua, ao capitão que se sorria satisfeito do seu triumpho.

— Recordando um pouco o latim que soube na minha infancia, consegui com muito trabalho decifrar a inscripção do tumulo, respondeu o interpellido, e, segundo o que pude colligir, pertence a um titular de Castella, famoso guerreiro, que fez as campanhas do Grão-Capitão. Já me esqueceu o seu nome, mas sua esposa que alli vemos chama-se D. Elvira de Castanheda, e, por minha fé, se a copia se parece com o original, devia ser a mulher mais formosa do seu seculo.

Depois d'estas breves explicações, os convidados, que não perdiam de vista o principal objecto da reunião, trataram de desenvolver algumas das garrafas, e, sentando-se á roda do lume, principiam a fazer girar o vinho.

A' medida que as libações iam sendo mais numerosas e frequentes, e que o vapor do espumoso Champagne começava a transtornar as cabeças, crescia a animação, o ruído e a algazarra dos rapazes: uns arrojavam aos monges de granito encostados aos pilares as rollhas das garrafas vacias, outros cantavam a plena voz canções bacchicas e escandalosas, além prorompiam gargalhadas, davam-se palmas ou resoavam blasphemias e pragas.

O capitão bebia em silencio como um desesperado, e sem tirar os olhos da estatua de D. Elvira.

Iluminada pelo avermelhado esplendor da fogueira, e atravez do confuso véu que a embriaguez puzera na sua vista, parecia-lhe que a marmorea imagem se transformava ás vezes n'uma mulher real; parecia-lhe que entreabria os labios como que murmurando uma oração; que se lhe levantava o peito como que opprimido e soluçante; que cruzava as mãos com mais força; que as suas faces se coloriam enfim como que ruborisadas ante aquelle sacrilego e repugnante espectáculo.

Os officiaes, que repararam na taciturna tristeza do seu camarada, arrancaram-n'o do extasis em que estava immerso e, apresentando-lhe um copo, exclamaram em côro:

— Vamos, faça um brinde, que é o unico que ainda o não fez em toda a noite.



As inundações no Porto. — Numeroso pessoal descarregando á pressa um navio carregado de bacalhau, na previsão de augmentar a cheia  
(Clichés de Carlos Pereira Cardoso — Foz do Douro).

O rapaz pegou no copo, e, pondo-se de pé e erguendo-o bem alto, disse encarando a estatua do guerreiro ajoelhado junto de D. Elvira:

— Brindo ao imperador, brindo á fortuna das suas armas, que fizeram com que pudéssemos vir ao fundo de Castella, ao proprio tumulo de um vencedor de Cérignola, fazer-lhe a côrte á mulher!

Os militares acolheram o brinde com uma salva de applausos, e o capitão, cambaleando, deu alguns passos para o sepulcro.

— Não, proseguiu dirigindo-se sempre á estatua do guerreiro, e

## A "grève" dos gazomistas do Porto



Na fabrica de gaz do Ouro — Grévistas esperando receber as suas ferias

com esse sorriso estúpido proprio da embriaguez, não creias que te odeio por ver em ti um rival; pelo contrario admiro-te como um marido paciente, exemplo de longanimidade e mansidão, e pela minha vez quero tambem ser generoso. Tu que foste soldado havias de ser bom bebedor; não se diga que te deixei morrer á sede, vendo-nos esvasiar vinte garrafas... toma!

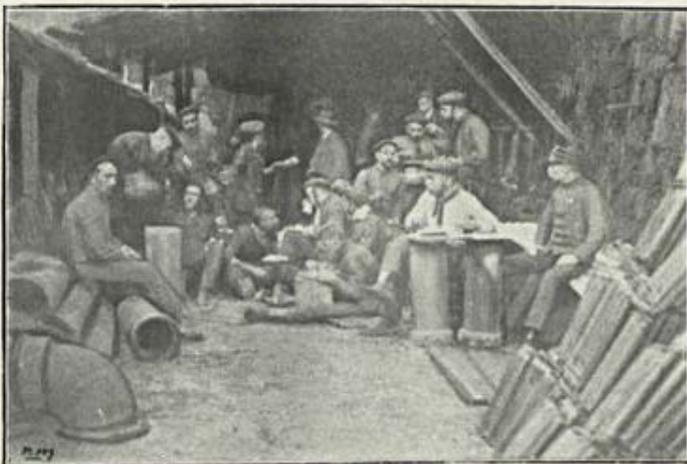
E dizendo isto levou o copo aos labios e, depois de os humedecer com o liquido que encerrava, atirou-lhe o resto á cara, soltando uma gargalhada estrepitosa, ao vêr como cahia o vinho sobre o tumulo, gotejando das barbas de pedra do immovel guerreiro.

— Não lhe dava o vinho, continuou o official entre as gargalhadas dos seus companheiros, se não soubesse que elle bebia ao menos o que lhe cahisse na bôcca. Oh! Não! Não creio como vocês que estas estatuas sejam um pedaço de marmore tão inerte hoje, como no dia em que o arrancaram da pedreira. Indubitavelmente o artista, que é quasi um deus, dá á sua obra um sopro de vida que não consegue fazer com que se mova e ande, mas que lhe infunde uma vida incompreensível e estranha, vida que não percebe bem, mas que sinto, sobretudo quando bebo de mais.

— Magnifico, exclamaram os seus camaradas, bebe e continua!

O official bebeu, e, cravando os olhos na imagem de D. Elvira, proseguiu com exaltação crescente:

— Olhem, olhem! Não veem esses cambiantes vermelhos das suas carnes morbidas e transparentes? Não parece que por baixo d'essa ligeira epiderme azulada e suave de alabastro circula um fluido de luz côr de rosa? Querem mais realidade?



A "grève" dos gazomistas do Porto. — Os bombeiros refazendo as forças para supportarem o durissimo trabalho de fogueiros  
(Cliché de Carlos Pereira Cardoso — Foz do Douro).

— Oh! sim, seguramente, disse um dos que o escutavam, queria-mos que fosse de carne e osso.

— Carne e osso! Podridão e miséria! exclamou o capitão. Senti n'uma orgia arderem-me os labios e a cabeça; senti este fogo que corre pelas veias fervente como a lava de um vulcão, cujos vapores caliginosos turvam e transtornam o cerebro e fazem ver visões estranhas. O beijo d'essas mulheres materiaes queimava como um ferro em braza; e apartava-as de mim com tédio, com horror, até com asco, porque então, como agora, necessitava de um sopro da brisa do mar para a minha testa que escaldava... queria beber gelo e queria beijar neve... Neve tingida de luz suave, neve côrada por um dourado raio de sol... uma mulher branca, formosa e fria como essa mulher de pedra que parece incitar-me com a sua phantastica formosura, que parece que oscilla ao cadenciar das chammas, e me



A "grève" dos gazomistas do Porto. — Mulheres conduzindo carvão de pedra

provoca, entreabrindo os seus labios e offerecendo-me um thesouro de amor...

Oh! sim, um beijo, só um beijo teu poderá acalmar o ardor que me consome!

— Capitão, exclamaram alguns dos officiaes, ao vel-o dirigir-se para a estatua como que fóra de si, com o olhar desvairado e passos incertos, que loucura vae fazer? basta de brincadeiras e deixe em paz os mortos!

O capitão nem ouviu sequer as palavras dos seus amigos: cambaleando e como poudo chegou ao tumulo e aproximou-se da estatua, mas ao extender-lhe os braços ressoou em todo o templo um grito de horror. Deitando sangue pelos olhos, pelo nariz e pela bôcca, cahira fulminado e com o rosto desfeito ao pé do sepulcro.

Os officiaes, mudos e espantados, nem se atreviam a dar um passo para lhe prestar soccorro.

No momento em que o seu camarada tentara approximar os labios ardentes dos labios de D. Elvira, tinham visto o immovel guerreiro levantar a mão, e derrubal-o com uma espantosa bofetada da sua manopla de pedra.

GUSTAVO BECQUER.

## JESUS

*Pater, demitte illis...*

Na hora do supplicio tormentoso  
De que eras Deus a maior prova deste,  
Pois levantando ao céu o olhar piedoso:  
«Não sabem o que fazem, — tu o disséste —

«Perdoae-lhes, Pae, perdoae-lhes.» — Já lá vão  
Dois mil annos, e o Homem que remiste,  
E que hoje a sciencia tem de quanto existe,  
Dirige-te hoje insultos como então!

E tu — ó prova da piedade infinda!  
Tu, como então, perdôas hoje ainda.

Jayme Victor.

# Palestras navaes

III

Mais algumas palavras ainda a respeito da viagem de *Levette* de que no artigo antecedente só esboçámos algumas palavras porque a nossa memoria nos não ajudou fielmente. Mas recorrendo a apontamentos tomados na occasião, que são bem mais fieis, podemos precisar com mais rigor certos pormenores.

Alem dos tres passageiros mencionados, os dois portuguezes e o alferes francez Merlaud, havia tambem o Dr. Charbonnier antigo medico da armada reformado, estabelecido com uma propriedade agricola em Nossi bé. Era um ruivo de seus 35 annos, magro e de não grande estatura e de conversação animada e colorida.

Largámos de Mahé, porto Victoria, no domingo 20 de Março ás 9<sup>h</sup>, a. m. em calma e com aragens loucas de diversos lados, e fomos a remos para sair para o N. dos recifes e tomar uma posição mais safa para velejar, e largámos ancora no pouco ao N W de Sant'Anna. A's 10<sup>h</sup> 30<sup>m</sup> p. m. fizemo-nos de vela e fomos contornando por E das ilhas de Sant'Anna e Mahé com vento S E brando, montámos a ponta S. de Mahé ou *du Capucin* e seguimos francamente para W sem mais estorvos visiveis.

Era ao abrigo da ilha Sant'Anna que se fazia a quarentena. Ali permanecemos 8 dias uma vez no vapor *Quilimane*, em sitio só relativamente abrigado e um pouco afrontados do mar e do balanço quando soprava a brisa fresca.

Os habitantes das Seychelles, que teem a fortuna de gosarem de um clima saluberrimo, são muito ciosos d'elle e obrigam os navios que veem de paizes suspeitos de qualquer epidemia aos maiores rigores de precauções. Durante a nossa forçada quarentena por virmos de Moçambique onde reinava a colera, não queriamos passar 8 dias sem dar carne fresca e pão á guarnição do navio, que requisitámos ao fornecedor. A' hora de vir a ração fresca mandavamos fundear a barlavento, 100 braças pela prôa fora, uma embarcação do navio e faziamos recolher a bordo a sua guarnição. Vinha então a embarcação de terra, atracava cautelosamente á nossa embarcação deserta, depositava dentro d'ella os generos e afastava-se rapidamente. Depois iam lá buscar os generos e a embarcação e ficavam os empestados entregues á monotonia do seu triste viver.

Em 2<sup>1</sup> tinhamos o vento já mais fresco e d'aguaceiros, que de noite a nós, vagabundos sem domicilio certo, obrigou a varias visitas ao camarim do commandante e muito nos incommodou; e no dia seguinte, continuando o vento de S E. fresco com mar picado, viu-se a ilha da Providencia, observando-se claramente os seus extensos recifes do S. quebrando tumultuosamente a sotavento. Felizmente o vento alargou um pouco, fomos orçando e passámos a barlavento da Providencia e tendo pelo lado opposto o João da Nova que se não viu.

Foi sobre a Providencia que poucos annos depois naufragava um navio francez, que levava entre outros passageiros o nosso camarada João Carlos Adrião que ia reader o commandante do *Quilimane*. Esse naufragio foi fertil em episodios chistosos. Estando a dita ilha fóra do caminho dos barcos a vapor só pode ser encontrada por quem lá vá de proposito ou por acaso por erro de rumo. Os naufragos ficaram pois allí vinte e tantos dias em uma ilha deserta, quasi sem vegetação e vivendo de latas de conservas salvas do navio. De um caixote com sementes tiraram as necessarias para fazer uma magnifica horta; mas quando appareceu o navio salvador que os ia procurar, o nosso Adrião, director da horta, apartou-se com verdadeira saudade das suas alfices, hervilhas e rabanetes que estavam quasi em desenvolvimento de fazerem as delicias de um exigente sybarita. Como este episodio quantos outros poderiam contar os numerosos atols, baixios, e ilhas que se topam n'aquella longa serie de perigos!

Os marinheiros do navio naufragado encontraram entre os caixotes rojados á praia, um contendo luvas das mais finas e elegantes côres; e era comico ver como elles, de mãos ennegrecidas e gretadas pelo alcatrão, passejavam no areal de luvas *gris-perle* ou de outra côr, contentes e ufanos, gosando da indisciplina mansa, creada pela egualdade niveladora das grandes desgraças. Outros fumavam optimos charutos que, com certeza, não haviam sido fabricados para labios tão rudes.

O dia 27 de Março amanheceu brusco e frescalhão tendo montado o Cabo d'Ambre e como a corrente a W foi consideravel estavam em pessima posição para demandar Nossi bé n'essa bordada. Ficámos, porém, de capa toda a noite um pouco a SW das ilhas Gloriosas que alguns julgavam ter avistado da mastreação. Com essa manobra ficavamos quanto possivel estacionarios e evitavamos ser impellidos pela violenta corrente entre as Gloriosas e o Geyser; d'essa forma só adiantavamos a corrente se a houvesse, e não varávamos Mayotta que era já agora em taes circumstancias o nosso provavel ponto de destino. Não seguimos com amuras a BB pelo Sul do Geyser porque receíamos que quando estivessemos na sua latitude o vento acalmasse e a corrente nos atirasse para cima d'elle.

Foi uma noite completamente em claro para o pobre commandante que não fazia senão vigiar a agulha e o horizonte com toda a cautella e prudente circumspecção, que em taes occasiões acende um sexto sentido providencial.

No dia seguinte o vento estava irregular em força e direcção mas quasi sempre bonançoso, e contra a nossa expectativa não houve corrente a W e á hora do ponto estavam quasi na mesma posição da vespera á tarde. Estavamos felizmente algumas milhas ao S. e ao meio dia tinhamos Lat. 14.º 34' e Long. 45.º 30' a E de Paris o que com o vento que tinhamos na vela que era S: SSE e que depois das 8<sup>h</sup> a. m. se chamou a E: ESE, permittia-nos demandar Nossi bé, como a principio desejavamos. De tarde iam com prôa por barlavento do nosso destino que se descobriu bem.

Navegámos toda a noite cautelosamente a approximar da terra e no dia 29 estavam perto d'ella. A viração veio do ONO e NO e ás 4<sup>h</sup> p. m. largavamos ancora no porto de Helville de Nossi bé. Alli soubemos que a escuna *Indienne* tinha sahido n'esse mesmo dia para Mahé. Estava fundeado em Helville o casco da antiga escuna a vapor *Labourdonay*, que serve de estacionario.

Helville é terra mais importante do que Zadzi, capital de Mayotta, apesar de ser esta a séde do commando superior.

Tem casas de pedra e outras de pau como se vêem na outra ilha. A natureza é rica em vegetação formosa.

A propriedade do Dr. Charbonnier é vasta, bem tratada e o melhor accesso a ella faz-se por meio de um riosinho que só se sobe com a agua alta, bordado de mangal denso onde se vêem muitos passaros de varias qualidades e plumagem de rico matiz. Muito montanhosa, recortada de regatos em varias direcções. Ha um tanque artificial onde existe um viveiro de salmões, o unico que temos visto nas colonias. A habitação fica n'um alto de um outeiro. Os trabalhadores eram pretos de Moçambique que viviam em uma aldeia de palhotas dentro da propriedade. Ha grandes plantações de café, palmares e arvores de fructa.

Alli nos mostraram uma velha peça de ferro forjado, trazida do continente de Madagascar ha annos pelo dr. Charbonnier e que era considerada como portugueza, mas que depois de observada com attenção ainda marcava na parte superior o symbolico emblema dos holandezes que consiste em um V com um O e um C entrelaçados nos dois ramos da primeira letra.

O dia 21 de Março amanheceu bonito, calma até ao meio dia e depois viração de O: ONO regular até á noite. Velejámos ao meio dia e 30<sup>m</sup> e fomos fundear ao sul de Sakatiah ainda entre pontas. De noite veio outra vez a aragem e fizemo-nos outra vez de vela. Intensissimo calor. Esta viagem entre Nossi-bé e Mayotta, que pôde ser feita em menos de doze horas, com um navio regular e bom vento, foi para nós um martyrio que durou nove dias. Não resistimos á tentação de conservar a esta descripção a forma monotona de diario, que lhe imprime todo o cunho caracteristico da occasião.

No dia 1 de abril estava o mesmo calor, mar estanhado e calma. Veio a viração muito ligeira de O.: ONO fazendo-se ás 4 horas o ponto de partida. No dia 2 calma de noite e de manhã viração branda de N: NNW. Ao nascer do dia ainda se via a terra. Observámos 21<sup>m</sup> de corrente ao NNE verdadeiro; depois das 3 h 30<sup>m</sup> refrescou o vento, ás 8 tornou a abanancar, e ás 11 h. 30<sup>m</sup> cahiu de ENE um aguaceiro com chuva e vento.

No dia 3 e 4 o mesmo tempo.

Em 5 magnifico tempo, calma podre, brandas aragens variaveis. Em 6 bom tempo, vento O. brando toda a noite e de manhã depois de um saiseiro de S: SSW regular veio o vento a esse rumo. Dia 7 o mesmo tempo, Vento SO. regular dando 3<sup>m</sup> e 3<sup>m</sup>.5. Depois do meio dia abanancou o vento e ás 9 h. acalmou.

Em 8 com o romper do dia levantou-se uma aragemzinha de W. e avistou-se Mayotta primeiro depois e Anjohanne.

Mayotta apresentava-se como succede a quem a demanda pelo N: como se fossem 3 ilhas. A' esquerda a grande terra alta de Zambourou, e depois o resto da ilha dividido ao meio pela depressão do paiz. A's 6 h. fez-se o ponto de chegada pela marcação de Zambourou e o pico de Anjohanne. Bordejámos toda a tarde a demandar a passagem de NE, com vento S: SSW e ao pôr do sol entravamos pela passagem de Zambourou, indo largar ancora ao pé do recife da *Préoyante*.

Dia 9 bom tempo. Calma até ás 8 h. 30<sup>m</sup>, depois viração do S. Suspendemos ainda de noite e fomos puchando para o S. a remos até chegarmos ao ancoradouro de Zaudzi do lado do N. por ser o mais conveniente n'esta estação, tendo assim terminado a nossa muito fastidiosa viagem. Desembarcámos e fomos installar-nos no hotel de Madame Peslot, casada em segundas nupcias com um sargento da armada. O primeiro marido d'esta senhora, Mr. Coulon, fundara e mantinha tambem o hotel. Era esta casa o ponto mais frequentado e favorito da pequena povoação e procurado pelos principaes empregados e habitantes.

Em outro artigo diremos o que passámos na ilha e o que passámos na viagem para Moçambique. Este já vae longo.

AUGUSTO DE CASTILHO.

N'uma estação de caninho de ferro o empregado, muito azafamado, fazendo entrar para o wagon uma creança que se está a despedir da mãe, uma galante senhora:

- Ande, menina! Suba, suba!
- Eu não posso subir sem beijar a mamã.
- Eu cá a beijo. Suba, suba!

# Theatros

**Republica** — *A Promessa*, peça em 4 actos, original de Vasco de Mendonça Alves. **Apollo** — *O Fado*, operetta de costumes portuguezes em 4 actos, original de Bento Faria e João Bastos, musica de Philippe Duarte. **Gymnasio**. *Salão Liberdade*. *Colyseus, dos Recreios* e de *Lisboa*.

Quando da representação dos *Filhos*, no **Garrett**, aqui deixámos registadas as nossas impressões sobre os excellentes dotes de dramaturgo do sr. Vasco de Mendonça, que logo no seu primeiro trabalho se revelaram por uma fórma pou-

co vulgar. Na *Promessa*, agora representada no **Republica**, continúa o seu auctor a afirmar talento e excellentes qualidades, pois produziu um trabalho são, honesto, que interessa e prende o espectador, tendo scenas habilmente detalhadas e situações empolgantes, mas tudo sem o minimo esforço, sem *trucs* nem *ficelles*, dando-nos a perfeita illusão da realidade, por uma fórma que maravilha. A linguagem, sem rendilhados nem phrases pretenciosas, mereceu tambem cuidado especial ao auctor, que, actualmente, dos novos, é a unica esperança do theatro portuguez, que tão maus tratos vem soffrendo ha uns tempos a esta parte.

Com esta peça reapareceu o grande actor Brazão no **Republica**, fazendo-lhe o publico á sua entrada em scena uma justa mani-

## Theatro da Republica

COMPANHIA FRANCEZA



MONNA DELZA

festação de sympathia, manifestação que se tornou a repetir nos finais dos actos, e da qual compartilharam tambem o auctor e os demais interpretes, dos quaes especialisaremos Adelina e Azevedo.

Vamos ter agora ahí a companhia franceza. É caso para dizer mais uma vez:

Cesse tudo o que a musa antiga canta.

Vamos ter no **Republica** actrices como Blanche Dufrene, Marthe Mellot e Monna Delza, cujas figuras encantadoras illustram hoje estas paginas.

Amanhã estreia com *La Vierge Folle*, nas noites seguintes: *L'Aiglon*, *La Rampe*, *Mademoiselle Josette ma femme*, *Les Oiseaux*



Theatro da Republica. — COMPANHIA FRANCEZA  
Blanche Dufrene

de passage e *Le Rubicon*. Succeder-se-hão as enchentes, não ha que ver.

— Outra peça tambem portugueza, devida á penna de dois conhecidos comediographos, os srs. João Bastos e Bento Faria, ouvimos ultimamente no **Apollo**, intitulada o *Fado*. O assumpto não podia ser melhor escolhido. Quem ha que não se tenha uma vez enternecido ao ouvir a toada plangente de uma guitarra gemendo o *rigoroso* sob a pressão dos magros dedos afilados de um *faia* que ao mesmo tempo, vae, com voz pastosa e avinhada, atirando a cantiga n'uma dolencia cadenciada, entrecortando-a a espaços com *ais* arrastados, historiando, quasi sempre, amores malfadados, a vida desgraçada das mulheres faceis, toda a existencia da bohemia reles e viciosa? Ou então ouvindo o fado das salas, das praias, de Coimbra, o lírico, todos os fados emfim aristocratisados, adulterados e pretenciosamente garganteados? Isto é certo que nenhum portuguez terá escapado a essa sensação.

Pois no *Fado* os seus auctores dão-nos a impressão de toda essa vida de bohemia, fazendo-nos assistir no primeiro acto, que se passa no *Collete encarnado*, tasca celebre no Campo Grande no tempo das esperas de touros, a varias scenas interessantissimas pela muita

graça que tem e pelo estudo dos costumes, fazendo desfilar á nossa vista todos os typos de então, desde o fidalgo apumado, ao fadista, ao boleiro e ao gallego; desde a filha de familia, reminiscencia da *sécia*, até á rameira do *Capellão*. Nos outros actos, que estão ligados por uma tenue, e, digamos francamente, já estafada intriga de amor, dão-nos tambem os auctores scenas de um pittoresco curioso, recheadas de graça, bem urdidadas algumas e a que dá immenso realce a musica de Philippe Duarte, de um sabor verdadeiramente popular e de facil comprehensão, decalcada sobre motivos do fado.

Scenario, encenação e desempenho optimos.

— Em beneficio de Antonio Sant'Anna, camaroteiro do **Gymnasio**, fez-se a *reprise* da peça *Vinte dias á sombra*, que tinha a novidade de ser o papel principal, até aqui feito pelo actor Albuquerque, desempenhado por Christiano de Sousa, que se houve magistralmente. Tambem subiu á scena uma interessante peça em um acto, imitação de Xavier da Silva, que agradou deveras, intitulada — *Das 3 ás 5*.

— Tem a palavra japonezes e europeus no Colyseu dos Recreios como a tem no Colyseu de Lisboa o illusionista Raymond.

No primeiro assiste todas as noites um publico numeroso e ávido de sensações ás luctas dos hercules, luctas *corps à corps*, com um furor, com um entusiasmo, com uma valentia, que são o espanto e o jubilo de todos os que a ellas assistem, e em que, diga-se de passagem, levam a palma: os japonezes.

No Colyseu da Rua da Palma o famoso illusionista inglez prosegue as maravilhas, os *milagres* que em quatro noites deixaram atordoados os espectadores do Colyseu da Rua de Santo Antão.

E seria injusto concluir sem fazer uma referencia ao novo **Salão Liberdade**, na Avenida, que é nada mais nada menos que o an-



Theatro da Republica. — COMPANHIA FRANCEZA  
Marthe Mellot

tigo **Music-Hall**. Completamente transformado, vasto, elegante, exhibe todas as noites o melhor cinematographo de Lisboa, com uma tal variedade de fitas, que toda a população da cidade tem obrigação de ver e admirar.

Ruy.